

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO ESPECIAL: uma experiência de inclusão

TEIXEIRA, Carolina Terribile; CASTRO, Maira Marchi de; SILVA, Ivete Souza da

Universidade Federal de Santa Maria – Departamento de Metodologia do Ensino, Curso de Educação Especial

carol_terribile@hotmail.com; ivedasilva@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho foi desenvolvido durante a disciplina de Educação de Jovens e Adultos do curso de graduação em Educação Especial – Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria. Com a finalidade de que tivéssemos contato com a prática e a realidade do ambiente escolar de Educação de Jovens e Adultos com alunos incluídos. Visando uma melhor formação acadêmica. Tendo os seguintes objetivos: observar como é a interação do aluno incluído com a sua turma de Educação de Jovens e Adultos; identificar se há adaptações nas metodologias utilizadas pelos professores; e também, se é feito acompanhamento da Educadora Especial. A prática foi desenvolvida em uma Escola Estadual de Santa Maria que atende na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e tem alunos incluídos.

Palavras-chave: Educação Especial. Educação de Jovens e Adultos, Inclusão.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido durante a disciplina de Educação de Jovens e Adultos do curso de graduação em Educação Especial – Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria. A proposta de realização do trabalho surgiu para que tivéssemos contato com a prática e a realidade do ambiente escolar de Educação de Jovens e Adultos com alunos incluídos. Isso, visando uma melhor formação acadêmica, buscando conhecer como acontece a inclusão de uma pessoa com necessidades educacionais especiais nessa modalidade de ensino.

Muitos são os desafios postos a educação atualmente. Vivemos um tempo de grandes e intensas transformações políticas, econômicas, sociais, tecnológicas e também culturais. Um tempo em que os encontros e desencontros entre os diferentes, estranhos e estrangeiros se intensificam, pondo para dialogar diferentes saberes, culturas e estruturas

sociais. A sociedade se reconfigura e põe em evidência alguns aspectos antes não considerados ou reprimidos. Um exemplo são as pessoas com necessidades educacionais especiais, que durante muito tempo viveram a margem da sociedade. Da mesma forma, jovens e adultos que, por algum motivo tiveram seu direito a educação negados, hoje voltam a ocupar os bancos escolares e tem a oportunidade de retomarem seus estudos.

Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial se encontram no momento em que se configuram como Políticas Educacionais que, como bem coloca Stromquist (2005), busca corrigir situações indesejáveis, bem como, fomentar a criação de novos valores e práticas. Ambas as políticas educacionais visam a inclusão de um público, que historicamente teve o direito a educação escolar negado. Nesse sentido, buscou-se por meio da realização desta prática educativa, na disciplina EJA, os seguintes objetivos: observar como é a interação do aluno incluído com a sua turma de Educação de Jovens e Adultos; identificar se há adaptações nas metodologias utilizadas pelos professores; e também, se é feito acompanhamento da Educadora Especial.

A prática foi desenvolvida em uma Escola Estadual de Santa Maria que fica localizada na região central da cidade, ela funciona nos turnos da manhã e tarde com o Ensino Fundamental e a noite com a Educação de Jovens e Adultos. Nessa escola são atendidos alunos provenientes de diversos bairros da cidade e as famílias que compõe a comunidade escolar pertencem a classe baixa e média, formando então, um grupo escolar bastante heterogêneo.

DESENVOLVIMENTO

A Educação de Jovens e Adultos começou a ser organizada e reivindicada a partir da Educação Popular, na qual podemos citar Paulo Freire como um dos exemplos de educadores nesta área e que contribuiu fortemente para a educação deste público. Foi apenas em 1940, século XX, que a educação de jovens e adultos se constituiu como política educacional. E a partir daí foi-se criando espaços de legitimação para esta ação educativa. A Educação de Jovens e Adultos passa a ser uma modalidade de ensino com a Resolução CNE/CEB nº1 de 5 de julho de 2000 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. A Constituição Federal de 1988 garante o direito à educação a todos e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 em seu capítulo V traz a Educação Especial como modalidade de ensino para os alunos com

necessidades educacionais especiais, sendo realizada preferencialmente na rede regular de ensino.

As duas áreas se encontram porque com a Política de Educação Inclusiva, as pessoas com necessidades educacionais especiais estão chegando às salas de aula de Educação de Jovens e Adultos, sendo assim, é preciso que recebam um atendimento especializado. Por isso, é necessário que aconteça uma formação de professores, que os oriente a como realizar o seu trabalho da melhor forma possível com esses alunos e, também, que aconteça um trabalho em conjunto entre os professores do ensino regular e o professor de Educação Especial. Segundo Romão e Gadotti (2007, p.17) “[...] para uma justa inclusão dos excluídos [...], é necessário formar bons profissionais da educação que se dediquem ao cuidado das aprendizagens ao longo da vida”.

É importante ressaltar aqui, que a formação continuada dos professores, não se aplica apenas a esse caso, mas, sim, deve ser um fator sempre presente na carreira do magistério em todos os seus níveis e modalidades. A ação pedagógica precisa levar em consideração a história de vida dos alunos, suas experiências e os seus conhecimentos prévios e usar esses elementos para elaborar aulas que sejam realmente significativas para eles. Além disso, é importante sempre pensar nas capacidades e habilidades dos alunos e naquilo que podem vir a aprender e/ou conseguir fazer. Para o professor é de suma importância que constantemente faça uma auto avaliação e reflexão sobre a sua ação pedagógica, sempre buscando a contextualização de suas ações educativas.

METODOLOGIA

Utilizamos como metodologia a de observação in loco que nos proporciona estarmos em contato com o objeto de pesquisa, dessa forma, foram realizadas três visitas uma a cada semana. No primeiro dia entramos em contato com a escola e apresentamos a nossa proposta de trabalho, no segundo dia observamos a aluna sem fazer contato direto, e por fim no terceiro dia observamos mais uma vez a aluna e realizamos a entrevista. O diário de campo também foi utilizado, pois nele anotávamos nossas impressões a respeito das observações e a entrevista estruturada que segundo Severino (2007, p.125) “[...] São aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste [...]”. Para a realização da mesma, procuramos deixar a aluna bem a vontade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao entrarmos em contato com a escola onde realizamos esse trabalho, fomos informadas de que uma aluna com baixa visão frequentava a Educação de Jovens e Adultos. Logo surgiu a inquietação para termos conhecimento de como é realizado o trabalho com essa aluna que já é uma senhora. A escola tem uma Educadora Especial que faz atendimentos nos turnos da manhã e tarde, porém os alunos do noturno não são atendidos por ela, o que torna mais complicado o processo de inclusão nesse turno. De pronto surge a questão: como é realizado o trabalho com essa aluna?

A aluna que tem baixa visão usa uma lupa para poder ler e escrever, mas relata que mesmo assim sente dificuldades, pois cansa muito rápido. Os professores por sua vez, escrevem com letras maiores no quadro para que a aluna, que senta na primeira classe, possa enxergar. Outro recurso utilizado é a ampliação de material impresso. Sabemos que apenas isso, não é suficiente para se dizer que nesse espaço acontece uma inclusão efetiva da aluna, porém a escola e seus professores estão procurando atender as necessidades mínimas da aluna para que ela siga estudando.

Em entrevista a aluna relatou que parou de estudar ainda criança porque precisava trabalhar, mas que seu sonho sempre foi o de estudar. Por isso, mesmo agora que ela teria motivos para dar-se por vencida, ela não desiste, conta com o apoio da família para estudar e diz que se sente muito bem na escola e tem boa relação com os colegas e professores.

Analisamos que a escola está procurando criar um ambiente onde a aprendizagem dessa aluna seja significativa, levando em consideração sua trajetória de vida e valorizando a sua vontade de aprender. Apesar das dificuldades encontradas pelas duas partes (escola e aluna) percebemos que há uma motivação para que essa inclusão aconteça da melhor forma possível.

CONCLUSÕES

A realização desse trabalho proporcionou que tivéssemos contato na prática com um processo de inclusão na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos, essa foi uma experiência muito importante para a nossa formação acadêmica e profissional. Percebemos a necessidade de estarmos preparadas para atuar nessa modalidade, que não é muito enfatizada no decorrer do curso de graduação.

E principalmente, presenciamos um processo de inclusão que tem tudo para dar certo, onde a escola e a aluna estão caminhando juntas para que ela tenha acesso a uma

educação de qualidade. É admirável a força de vontade e a lição de vida que nos foi transmitida por essa aluna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 27 de junho de 2012.

_____. **Constituição Federal** <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 27 de junho de 2012.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Educação de adultos: identidades, cenários e perspectivas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

STROMQUIST, N. **Equidad de género: Avances y estancos con las reformas educativas neoliberales**. In: MANTILLA, L.; PEREDO, M. A. (eds.), *La política gubernamental en ciencia y tecnología: efectos en la universidad pública*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2005.